

# Obras prejudicam hospital e pacientes na Ceilândia

Jorge Cardoso

Diretores do Sindicato dos Médicos do Distrito Federal visitaram ontem o Hospital Regional da Ceilândia (HRC). Para fazer uma radiografia das condições do hospital, eles constataram o que já sabiam: as dificuldades enfrentadas são inúmeras. No momento, parte da área destinada ao atendimento de pronto socorro está em reforma. Por isso, o número de atendimentos caiu de 1.100 para 700 por dia, total que ainda é muito alto.

O quadro é dramático. Pacientes sem macas ou em bancos e cadeiras espalhadas nos corredores, enquanto pedreiros transitam com carrinhos de cimento ou entulho de obra.

A paciente Carmem Lúcia da Silva está há três dias numa maca. Ela tem problema de varizes, crise alérgica e gripe.

**Piora** — “A minha vontade é de ir embora, mas não consigo andar. Não é justo vir para o hospital e ficar ainda mais doente”, protesta.

A reforma já dura 40 dias. O diretor do hospital, Romualdo Silveira, lembra que a obra é mais do que necessária. O problema é que, como o hospital não pode parar, o caos se instala.

“Nessa época do ano, são mais frequentes pacientes com problemas respiratórios, mas nessas condições vai ser difícil cuidar deles”, disse o diretor.

Para piorar a situação, os trabalhadores cedidos pela Novacap para a obra — dez no início e somente cinco agora — têm que assinar o ponto na empresa no início e fim de cada turno.

“Os operários moram na Ceilândia ou aqui perto, mas têm que ir ao Plano Piloto por causa do ponto. Perdemos pelo menos duas horas de tra-



*Pacientes jogados nas macas dividem espaço com carrinhos de entulho e operários que fazem reformas no hospital*

balho por dia, e desconfiamos que não vai ser possível terminar as obras em 90 dias”, alerta Romualdo.

**Cirurgias** — Outro problema sério no HRC é que cirurgias marcadas não são feitas por causa de operações emergenciais.

“A cidade é muito violenta e chegam muitos baleados e esfaqueados à noite. De manhã, o paciente que já está esperando por uma cirurgia há meses, tem que ir pra casa por falta

de material no centro cirúrgico”, afirma o chefe do centro da clínica de cirurgia geral, Arivaldo Bizanha.

Além disso, o hospital enfrenta diariamente problemas como falta de medicamentos, número insuficiente de médicos e falta de verbas.

Os médicos do Distrito Federal continuam em indicativo de greve. Para a diretora administrativa do sindicato da categoria, Glayne Chaves Souza, o pior é que todos os pro-

blemas do hospital são julgados pela população tendo os médicos como culpados.

“É preciso mostrar que os hospitais têm funcionado por causa da força e empenho dos médicos, e não por causa do governo, que não faz nada para ajudar. No HRC, são feitas vaquinhas, festas e outras coisas para juntar dinheiro para a compra até de medicamentos. Isso não pode continuar”, afirma.